

MANIA DE JULGAR

O pecado de julgar os outros é um dos mais sutis entre os pecados “intocáveis”, uma vez que quase sempre é praticado sob o disfarce de zelo pelo que é certo.

Sabemos que dentro dos círculos evangélicos conservadores existem miríades de opiniões sobre tudo: teologia, comportamento, estilo de vida e política. Além de termos opiniões diferentes, geralmente pressupomos que nosso ponto de vista é o correto.

É aí que começa nosso problema de julgar as pessoas.

Nossas opiniões e verdade tornam-se a mesma coisa.

Claro que a mania de julgar não se restringe aos evangélicos conservadores.

A atitude permeia a sociedade e ocorre em todos os níveis.

Nos Estados Unidos, por exemplo, os ativistas pelos direitos dos animais que incendiam laboratórios de pesquisas médicas e os ecologistas fanáticos que vandalizam estações de esqui estão extravasando suas críticas. A pessoa que sentencia: “Jesus não teria dirigido um carro de luxo” faz um julgamento, não porque Jesus teria dirigido um carro de luxo (essa não é a questão), mas porque fez uma afirmação baseada unicamente no que acha certo ou errado.

Interessante observar o cristianismo do século XX, quando as pessoas caprichavam no visual para ir à igreja. Os homens usavam terno e gravata, e as mulheres, vestido ou saia. Lá pela década de 70, os homens começaram a aparecer na igreja usando calça esporte e camisa de colarinho aberto, e as mulheres, de calça comprida. Durante muitos anos, se criticou esse pessoal. Essa gente perdeu o respeito por Deus? Aposto que não se vestiriam assim para uma audiência com o presidente!

Na opinião de muitos o argumento era sólido.

Contudo, estava errado. A Bíblia não diz nada sobre a maneira de nos vestirmos para ir à igreja. Quanto a “caprichar no visual” para um encontro com o presidente, é uma questão de protocolo na capital federal. Se for convidado a visitar o presidente enquanto ele estiver de férias na praia, é provável que você apareça de bermudas e sandálias. Devemos entender que reverência a Deus não é questão de vestimenta; é questão de coração. Jesus afirmou que os verdadeiros adoradores são aqueles que adoram o Pai em espírito e verdade (Jo 4.23). É verdade que a roupa displicente talvez revele displicência para com Deus, mas não temos como avaliar isso.

Assim, não posso atribuir irreverência baseado apenas na roupa da pessoa.

Antigamente, também se cantavam os bons e velhos hinos acompanhados de piano e órgão. Era majestoso. Para muitos assim era um culto reverente a Deus. Hoje, na maioria das igrejas, esses hinos foram substituídos pela música contemporânea, e o piano e órgão deram lugar a guitarras e baterias. Olha a crítica velada... (lg ação bib.)

Como essa gente pode louvar a Deus com esses instrumentos? Acontece que as igrejas do Novo Testamento não tinham nem piano nem órgão, e mesmo assim louvavam a Deus com salmos, hinos e cânticos espirituais (Cl 3.16). Muitos ainda preferem os hinos que se cantava na juventude, mas é só isto — preferência — não é convicção baseada na Bíblia. Concordo que muitos cânticos contemporâneos são vazios e centrados nos homens. Todavia, muitos honram e glorificam a Deus tanto quanto os hinos tradicionais. Portanto, vamos deixar as críticas de lado.

Tratamos algumas de nossas convicções como se fossem verdades bíblicas.

A Bíblia ensina moderação e não abstinência, na maioria dos casos.

Certo cristão teve de lidar com o assunto porque se pegou criticando um irmão em Cristo que bebia uma taça de vinho num restaurante. No entanto, depois de ter dado seu parecer sobre moderação, recebeu uma carta gentil, mas enfática, de uma querida senhora, chamando-me a atenção. Ela estava convencida de que ele havia abandonado uma das pedras fundamentais da moralidade cristã.

Era apenas uma preocupação da senhora, mas ela não me apresentou nenhuma evidência bíblica. Tudo era convicção pessoal.

Não me entenda mal, por favor. Acho que, em virtude do abuso difundido da bebida alcoólica hoje em dia, há bons motivos para a prática da abstinência. Em outro contexto, eu defenderia a abstinência com unhas e dentes, baseado nesses motivos, mas este capítulo fala sobre a mania de julgar, e estou dando alguns exemplos de como é fácil julgar os outros em assuntos que a Bíblia não trata ou não trata com a clareza de que gostaríamos.

O apóstolo Paulo atacou de frente esse problema em Romanos 14. Parece que havia duas questões específicas que geravam críticas na igreja de Roma. Uma era o comer ou não carne contra a mentalidade do “coma o que bem quiser”.

A outra questão estava relacionada à guarda de alguns dias considerados santos. Segundo Paulo, “uma pessoa considera um dia mais importante do que outro, mas outra julga iguais todos os dias” (Rm 14.5).

Parece que os que haviam se convertido, andavam criticando quem comia de tudo (especialmente carne), enquanto estes faziam pouco caso — provavelmente desdenhavam — dos carnívoros (veja v. 3). Os dois lados se criticavam mutuamente. Os que se abstinham se achavam donos da verdade e olhavam com desprezo religioso os que comiam de tudo. O outro lado se achava mais instruído. Sabiam que Deus não estava preocupado com o que eles comiam, desde que o alimento fosse recebido com gratidão (I Tm 4.4). E assim faziam críticas de um modo diferente.

O mesmo acontece hoje em dia. Os defensores da música contemporânea desdenham dos que preferem os hinos tradicionais, chamando-os de antiquados e ultrapassados.

Um jovem pastor disse: “Com nossa música, vamos conquistar todos os jovens de sua

igreja.” De modo inverso, são tão críticos quanto os que preferem os hinos tradicionais. Isso também se aplica à questão da moderação versus abstinência.

Já observei cristãos que tratam o consumo de bebida alcoólica como assunto de liberdade cristã desdenharem de quem é abstêmio.

Meu argumento aqui é que não interessa que lado da questão defendemos.

É fácil criticar quem não pensa como pensamos e, depois, encobrir o julgamento com a capa das convicções bíblicas.

A resposta de Paulo à situação em Roma foi: “Parem de julgar uns aos outros, não interessa de que lado vocês estão”. E acrescentou: “Quem és tu, que julgas o servo alheio? E para seu próprio senhor que ele está em pé ou cai; mas estará firme, pois o Senhor é poderoso para o firmar” (Rm 14.4).

Basicamente, Paulo está mandando: “Parem de fazer o papel de Deus em relação aos irmãos em Cristo. Deus é o Juiz, não vocês.”

É isso o que fazemos quando julgamos as pessoas que têm preferências e práticas diferentes das nossas. Estamos usurpando um papel que Deus reservou para si mesmo. Talvez seja a isso que Jesus se referia no conhecido texto de Mateus 7.1-5 quando perguntou: “Por que vês o cisco no olho de teu irmão e não reparas na trave que está no teu próprio olho?” Será que a trave em nosso olho não é a da crítica, a da arrogância de usurparmos o papel de Deus?

Mais uma vez, Jesus faz uso de hipérbole como forma de ensino. Fisicamente, é impossível termos uma trave no olho. Mas assim como os dez mil talentos da parábola do servo ingrato representam a verdadeira dimensão de nosso pecado contra Deus, a trave no olho pode muito bem representar seu veredito quanto ao nosso pecado de julgar os outros. Se estou correto, então a seriedade do pecado da crítica não é tanto o fato de eu julgar o meu irmão, mas o de assumir uma posição que pertence a Deus.

O que escrevi até agora não significa que não devemos nunca julgar as práticas e crenças dos outros. Se o estilo de vida ou o comportamento de alguém é claramente oposto à Bíblia, então devemos afirmar que o outro está pecando. Algumas práticas são abertamente condenadas pela Bíblia. Veja, por exemplo, a descrição que Paulo faz em Romanos 1.24-32 da escorregadela moral para uma depravação absoluta.

Ou leia sua descrição sobre as “obras da carne” (Gl 5.19-21) ou as características dos “últimos dias” (2 Tm 3.1-5).

Essas práticas são claramente pecaminosas.

Quando as julgamos dessa forma, estamos simplesmente concordando com a Bíblia.

E a Bíblia que está julgando, não nós.

Apesar disso, talvez pequemos mesmo julgando de acordo com a Bíblia. Pecamos se julgarmos com superioridade, aspereza ou espírito de censura. Pecamos se condenarmos os pecados obviamente flagrantes dos outros sem reconhecermos, ao

mesmo tempo, que continuamos pecadores diante de Deus.

Um dos maiores objetivos deste estudo é nos ajudar a pôr um fim nisso.

Crítico doutrinário

Outra área em que escorregamos facilmente no espírito crítico é a que envolve diferenças doutrinárias. Muitos cristãos não têm problemas nesse aspecto porque, aos seus olhos, doutrina não é importante. Certo pastor, quando falou sobre a sua posição contra o teísmo aberto — a crença de que Deus não conhece e nem pode conhecer o futuro — um amigo lhe respondeu: “Por que perder o sossego com picuinhas? Vamos simplesmente amar Jesus e viver em paz uns com os outros.”

No entanto, a maioria de nós sabe que doutrina é importante; por acreditarmos nisso, caímos facilmente no pecado da crítica. Por exemplo, a doutrina da morte expiatória de Cristo por nossos pecados e a doutrina complementar da justificação pela fé somente nele são vitais para mim. Em doutrinas como essas, sou categórico e aviso: “Não abro mão. Nem mesmo um dedinho, e ponto final!” Contudo, alguns escritores e professores que se consideram evangélicos negam a morte expiatória de Cristo. Para eles, Jesus não morreu em nosso lugar como pagamento de nossos pecados. Ele aceitou a cruz simplesmente como um exemplo para seguirmos diante do sofrimento. Outros subestimam a morte de Jesus na cruz e afirmam que não devemos nos concentrar na cruz de Cristo, mas em sua vida, e seguir seu exemplo. Sempre que o tema de meu ensino ou palestra me permitir, discordarei desse pessoal. E acho que estou certo em agir assim. Contudo, confesso que, algumas vezes, caio no pecado da crítica. Discordo tanto do que estão ensinando que chego a dizer que estão com o diabo no corpo.

E acho que não sou o único culpado desse pecado. Já observei isso acontecer entre outros grupos evangélicos. Por acreditarmos tanto na importância da doutrina, acabamos nos tornando supercríticos das pessoas de quem discordamos. Devemos expressar nossas divergências, sem, contudo, destruir a reputação do semelhante.

Espírito crítico

De vez em quando, quase todo mundo cai no pecado do julgamento. Todavia, muitos dentre nós vivem julgando os outros. Essas pessoas têm o que chamo de espírito crítico. Procuram e acham erros em todos e em tudo. Não importa o tema da conversa — pessoa, igreja, evento, qualquer coisa — acabam falando de modo depreciativo. Encontro muita gente assim, e esse encontro não é nada agradável.

Mencionei em outros capítulos que alguns de nossos pecados aceitáveis, tais como egoísmo, impaciência e ira, geralmente se manifestam com mais liberdade junto à família do que em público, especialmente o público cristão. A mesma coisa acontece em relação à crítica. Um cônjuge, seja o esposo, seja a esposa, talvez viva encontrando

defeito no outro, ou em um ou mais dos filhos.

A pessoa que vive sendo criticada passa a achar que nunca faz nada direito.

Certo cristão, criado num lar cristão de classe média alta, contou que seu pai era supercrítico, especialmente em relação à filha do meio. Aos poucos, a menina se tornou uma pessoa que “não conseguia fazer nada direito” — pelo menos é o que qualquer um pensaria ao ouvir as repreensões severas que o pai lhe fazia. Entretanto, quanto mais ele criticava sua postura, mais ela se encurvava. Quanto mais ele a criticava por não olhar no rosto das pessoas, mais os olhos da garota se fixavam no chão. Se o menosprezo recorrente do pai para “o próprio bem dela” deu algum resultado, foi transformar em realidade as críticas dele. A menina entendeu as críticas constantes do pai como rejeição, e passou a se ver como uma rejeitada. Ao se tornar adulta, sua prioridade maior foi correr atrás de quem a aceitasse, e os “amigos” logo descobriram como tirar vantagem de sua necessidade de ser aceita.

No leito de morte, o pai reconheceu seu pecado e, em prantos, se arrependeu de ter criticado tanto a filha. Mas era tarde demais.

Ninguém sabia, mas ela havia se tornado promíscua e viciada em cocaína.

Esse é um exemplo drástico da natureza destruidora do espírito crítico e julgador. E estamos cercados de evidências da malignidade desse pecado. Se diz que são necessários sete elogios para que os resultados de uma crítica sejam desfeitos. Assim, vamos dar uma boa examinada em nós mesmos; melhor ainda, vamos nos colocar sob a lupa dos outros. Temos um espírito crítico exacerbado? Vivemos descobrindo defeitos nos outros, especialmente em nossos familiares ou membros de nossa igreja?

Acho que alguns de meus amigos mais queridos irão discordar de algumas coisas que escrevi neste capítulo. Para muitos, a roupa que usamos na igreja ou o tipo de cântico que entoamos não é questão de preferência. Para eles, trata-se de convicção.

Respeito a opinião deles e não quero, de jeito nenhum, mudar suas convicções.

Gostaria de ser como Paulo, que tomou uma decisão parecida em relação aos assuntos que causavam divisão entre os cristãos de Roma. Ele não tentou mudar a cabeça de ninguém quanto ao que deviam comer ou quanto aos dias que consideravam santos. Pelo contrário, Paulo afirmou: “Cada um esteja inteiramente convicto em sua mente” (Rm 14.5). Tal afirmação incomoda muitos de nós. Não gostamos de ambiguidades em questões de práticas bíblicas. E difícil aceitarmos que a opinião de uma pessoa seja diferente da nossa e que, mesmo assim, nós dois somos aceitos por Deus.

Mas é isso que Paulo afirma em Romanos 14.

E se levarmos Paulo a sério e defendermos nossas convicções em humildade, evitaremos o pecado de viver julgando os outros.